

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id5000>

ARTIGO ORIGINAL

Protagonismo feminino nos processos agroecológicos: o caso das mulheres camponesas da Associação EcoVárzea, Paraíba

SUBMETIDO 14/10/2020

APROVADO 03/02/2021

PUBLICADO ON-LINE 15/08/2021

PUBLICADO Junho de 2022

EDITOR ASSOCIADO

Ellis Regina Ferreira dos Santos

 Ana Livia de Lima França ^[1]

 Arilde Franco Alves ^[2]

[1] analiviafrc@gmail.com.

[2] alves@ifpb.edu.br.

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Paraíba (IFPB), Campus João
Pessoa, Brasil

RESUMO: O trabalho busca abordar o protagonismo das camponesas assentadas da Associação EcoVárzea, produtoras agroecológicas da Zona da Mata Paraibana, que realizam a venda direta de seus produtos hortifrutigranjeiros por meio de feiras semanais nas dependências da UFPB e do IFPB, na cidade de João Pessoa, Paraíba, contribuindo para a sustentabilidade da agricultura familiar camponesa e para o processo de empoderamento das mulheres nas atividades de produção e comercialização. Dessa forma, objetivou-se levantar dados referentes ao grau de participação das camponesas integrantes dessa associação no processo socioproductivo, destacando-se a atividade de comercialização dos produtos, no âmbito das famílias envolvidas em processos sustentáveis como o da produção agroecológica de hortifrutigranjeiros, através da metodologia de estudo de caso. Assim, pôde-se obter relevantes resultados referentes ao grau de participação das mulheres na produção e do seu protagonismo nas feiras, bem como à importância das feiras como espaços de emancipação para as mulheres.

Palavras-chave: agricultura sustentável; protagonismo feminino; Associação EcoVárzea; empoderamento das camponesas; feiras agroecológicas.

Female protagonism in agroecological processes: the case of peasant women from EcoVárzea Association, Paraíba

ABSTRACT: The work seeks to address the role of the peasants based on the EcoVárzea Association, agroecological producers of the Zona da Mata Paraibana, which carry out the direct sale of their products, through weekly fairs on the premises of UFPB and IFPB in the city of João Pessoa, Paraíba, contributing to the sustainability of peasant family farming and the process of empowerment of women, in the activities of production and marketing.

Thus, the objective was to collect data regarding the degree of participation of the peasant women who are members of this association in the socio-productive process, highlighting the commercialization activity of the products, within the scope of families involved in sustainable processes such as agroecological production of fruit and vegetables, through the case study methodology. Thus, relevant results were found regarding the degree of participation of women in the production and their role in the fairs, as well as the importance of fairs as spaces of emancipation for women.

Keywords: *agroecological fairs; EcoVárzea Association; empowerment of peasant women; female protagonism; sustainable agriculture.*

1 Introdução

Ainda que projetos de desenvolvimento socioeconômico patrocinados pelo Estado tenham sido importantes, persistem a miséria, a escassez de alimentos, o declínio nas condições de saúde e bem-estar e a degradação ambiental. Em muitas regiões do mundo, a modernização da agricultura, com a utilização de tecnologias intensivas, aconteceu sem a concomitante adequação agrária. Pode-se dizer: para os maiores e mais ricos agricultores, que controlam o capital e as terras férteis, muitos privilégios; para os agricultores mais pobres e com menos tecnologias, poucos benefícios (ALVES, 2009). Esse processo contribuiu para disseminar problemas ambientais, como erosão do solo, desertificação, poluição por agrotóxicos e perda da biodiversidade (REDCLIFT; GOODMAN, 1991).

Com essas preocupações, surge a agroecologia, que integra e impulsiona uma gestão diferenciada das práticas agrícolas, capaz de agregar conhecimento das outras ciências na utilização do manejo ecológico dos sistemas, priorizando garantir a produtividade e a conservação da agrobiodiversidade (ALTIERI, 2001). A agroecologia traz a expectativa de uma nova agricultura, capaz de fazer bem à humanidade e ao meio ambiente (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). Exemplo disso são as ações produtivas da Associação EcoVárzea, que congrega agricultores assentados da região da Mata Paraibana, que se inclinaram para o viés de produção agroecológica.

Historicamente, a Associação EcoVárzea é uma associação formada por famílias de trabalhadoras e trabalhadores rurais, que nos últimos anos foram assentadas em diversos municípios do estado da Paraíba. São camponeses ligados à agricultura familiar, que desenvolvem práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária – economia solidária – através do plantio, cultivo e venda de produtos agroecológicos e orgânicos em diversas cidades paraibanas, a exemplo de João Pessoa, Mari e Sapé (SANTOS; CÂNDIDO, 2015).

Atualmente, a Associação EcoVárzea representa os seguintes assentamentos rurais: Boa Vista, Nova Vivência, Padre Gino, Rainha dos Anjos, Santa Helena, 21 de Abril, localizados no município de Sapé; Dona Helena e Vida Nova, no município de Cruz do Espírito Santo; Acampamento Ponta de Gramame, na cidade de João Pessoa; Assentamento Dona Antônia e Granja Ipiranga, localizados no município do Conde.

Cabe destacar que esta investigação esteve centrada, especificamente, no assentamento de agricultores Padre Gino, oriundo da desapropriação (em 21 de abril de 1996) da Fazenda Santa Cruz/Gameleira (no município de Sapé). O assentamento possui uma área em torno de 527 hectares e é formado por 62 famílias, onde cada família foi beneficiada com um lote que varia entre 5 e 6,5 hectares (SANTOS; CÂNDIDO, 2015).

As famílias do local pesquisado residem majoritariamente em uma agrovila, de fácil acesso. Além disso, o assentamento dispõe de poço artesiano (que distribui água para as casas), uma escola (escola municipal de ensino fundamental), três estabelecimentos religiosos (católico, evangélico e espírita), energia elétrica (desde 1997), um solo com bom potencial agrícola, uma sede comunitária e uma área de reserva coletiva de 124 hectares. Situa-se bem perto da sede municipal de Sapé (4 km), por isso o serviço de saúde da comunidade (assentamento) é de responsabilidade do município de Sapé (SANTOS; CÂNDIDO, 2015).

A Associação EcoVárzea tem um histórico de organização pautado não só no processo de produção (SANTOS; CÂNDIDO, 2015), mas, sobretudo, em parcerias institucionais de comercialização dos produtos, centrados em hortifrutigranjeiros (ALVES; SILVA, 2019), que têm como um dos protagonistas, em especial, o trabalho das mulheres agricultoras.

Nesse protagonismo feminino, o destaque tem sido na tarefa final do processo, que é a atividade de comercialização, por meio da venda direta dos produtos, especialmente em dois pontos de venda: um no *campus* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e outro no *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), ambos localizados em João Pessoa.

Referenciando-se nos já existentes estudos sobre essa importante iniciativa socioeconômica – a Associação EcoVárzea –, o problema da pesquisa foi levantar o grau de envolvimento dessas mulheres no conjunto de atividades desenvolvidas em todo o processo produtivo da agricultura familiar camponesa, a partir de dados referentes ao nível de participação destas na associação, de modo a evidenciar o grau de protagonismo das camponesas que estão presentes nas atividades das feiras semanais.

Assim, buscou-se identificar esse destacado trabalho em todas as etapas das atividades produtivas, demonstrando, portanto, a importância do papel das agricultoras nos âmbitos familiar e profissional.

2 Referencial teórico

As feiras, não só como um âmbito de refúgio contra a contaminação por agrotóxicos, têm se configurado como um espaço que pode promover mudanças nas relações entre campo-cidade, melhoria da qualidade de vida, soberania alimentar, melhoria na renda familiar, entre outros. São espaços de comercialização criados pelos próprios camponeses, por isso, além de serem espaços educativos de integração entre camponeses e consumidores e de relações de complementaridade, de trocas materiais e imateriais, permitem, também, determinados protagonismos, a exemplo da destacada participação feminina. Assim, com a venda direta entre agricultor e consumidor, rompe-se com um problema bastante presente em áreas de assentamentos, que são os “atravessadores” (MARCOS, 2007).

O excedente da produção desenvolvida em vários assentamentos da Paraíba é comercializado em feiras agroecológicas da cidade de João Pessoa. Dessas feiras, destaca-se a experiência da Feira Agroecológica do Campus I da UFPB. Essa iniciativa teve início em 2002 e conta atualmente com a participação de aproximadamente 50 famílias, que combinam, através de gestão cooperativa, a agroecologia e a economia solidária (ABRANTES; CAMURÇA, 2011).

É importante destacar o pioneiro trabalho de relação interinstitucional entre a organização dos agricultores – a Associação EcoVárzea – e as instituições de ensino (UFPB e IFPB). No caso do IFPB, ressalta-se o precedente trabalho do Setor de Nutrição

do Campus João Pessoa do IFPB, que desde 2013 vem realizando um trabalho de suporte e valorização dos produtos agroecológicos, através do estímulo ao consumo desses produtos pela comunidade acadêmica.

As feiras agroecológicas, bem como a lavoura, se configuram como locais de trabalho nos quais há participação de mulheres. No entanto, cabe lembrar que o domínio masculino quanto ao mundo do trabalho é algo visível e intimamente conexo com as relações patriarcais ainda existentes na sociedade. Por conta dessa hierarquia referente à divisão sexual do trabalho, também presente na vida das agricultoras (LIMA *et al.*, 2018), o trabalho feminino é comumente inferiorizado, às vezes invisível e tido como secundário, sobretudo nas atividades agrícolas e pecuárias, nas quais costuma-se observar o gerenciamento masculino.

Dessa forma, ao analisar as atividades das mulheres no contexto rural, devem-se considerar os trabalhos domésticos, tarefas realizadas concomitantemente às atividades agropecuárias sem divisão do trabalho, gerando sobrecarga e comprometendo a participação feminina nos espaços públicos e nos sistemas de produção (VARGAS; FRAXE; CASTRO, 2013).

Além disso, também se faz presente a questão das camponesas que lutam pela permanência na terra, algo diretamente relacionado ao desenvolvimento e, também, à luta pela permanência de suas famílias no espaço ao seu entorno (LIMA *et al.*, 2018). Essa questão tem um forte referencial assentado na presença feminina, desde a época de acampados, permanecendo, atualmente, nas ações gerenciais da Associação EcoVárzea, através da participação ativa de várias mulheres na direção da referida entidade organizativa.

De modo geral, a crescente participação das mulheres em espaços públicos e políticos, bem como na produção agroecológica, faz com que estas não dependam somente do espaço doméstico e adquiram maior autoestima e independência, fortalecendo, assim, o empoderamento, questão prioritária no âmbito do engajamento das mulheres (MARONHAS; SCHOTTZ; CARDOSO, 2014).

O empoderamento é tido como um dos principais ganhos do processo participativo das mulheres, sendo conceituado como “o mecanismo pelo qual as pessoas passam a tomar conta de seus destinos, tendo consciência de sua capacidade e competência para administrar seus atos e suas consequências, dando um passo importante na construção de sua cidadania” (BUENDÍA-MARTÍNEZ; CARRASCO, 2013 *apud* SILVA, 2016, p. 126). Desse modo, fatores como a visibilidade do trabalho das mulheres e sua valorização social contribuem para a construção do empoderamento.

Nessa perspectiva emancipadora, os processos agroecológicos devem ampliar esforços para abrir espaços de inserção, para que as mulheres tenham maior atuação e possam contribuir para o fortalecimento da agroecologia. Dessa forma, as feiras agroecológicas entram como um dos espaços ocupados por mulheres que facilitam o contato com o empoderamento feminino, permitindo o contato com outros ambientes e pessoas, promovendo maior autonomia e participação no processo produtivo.

3 Método da pesquisa

Cada tipo de investigação possui um desenho metodológico específico, adequado à realidade a ser pesquisada. No presente caso, por se tratar de esboço que reside no desejo de conhecer uma realidade regada de subjetividades e por também se tratar de um

diverso conjunto de práticas e saberes, diz-se que consiste em uma pesquisa qualitativa de descrição (TRIVIÑOS, 1987).

Em um primeiro momento, realizou-se uma sondagem informal prévia, apenas observando as atividades e práticas produtivas nos locais de produção e nos locais de comercialização que são o foco deste trabalho (no caso, os *campi* João Pessoa da UFPB e do IFPB).

Figura 1 ▶

Apresentação sobre os objetivos da pesquisa para a Associação EcoVárzea e diálogo com agricultor no local de produção.

Fonte: arquivo pessoal dos autores



(a)

(b)

A equipe de pesquisadores do IFPB participou de uma das assembleias mensais da Associação EcoVárzea, no município de Sapé-PB, conforme evidencia a Figura 1(a). Nessa ocasião, observou-se, antes mesmo da aplicação dos questionários, a destacada participação feminina na discussão e nas questões logísticas que envolvem o funcionamento da associação, bem como a familiarização com as atividades agroecológicas.

Além disso, foi possível estabelecer contato direto com os integrantes da associação – homens e mulheres que participam da produção e da comercialização dos produtos hortifrutigranjeiros – através da apresentação da equipe e dos objetivos da pesquisa e, posteriormente, do diálogo destinado a solução de dúvidas, debate sobre a importância do tema e sobre a possibilidade de participação das mulheres como protagonistas da pesquisa.

Em outra visita ao município de Sapé-PB, foi possível conhecer uma pequena parte da produção agroecológica, conforme Figura 1(b). Nesse momento, buscou-se novamente uma interação informal com alguns dos produtores, de modo a observar as condições dos lócus produtivos e obter conhecimento sobre a produção agroecológica, novamente através do diálogo com os agricultores e agricultoras assentados, que foram bastante cordiais e receptivos.

Ainda, realizou-se uma visita ao espaço da feira agroecológica da Associação EcoVárzea nos *campi* João Pessoa da UFPB e do IFPB, como mostram as Figuras 2 e 3, visando estabelecer contato específico com as mulheres que praticam a atividade de comercialização nessas feiras. Nesse momento, o primeiro contato ocorreu de modo bastante aberto e sem muitas pretensões investigativas, a partir da realização de diálogos informais, buscando conhecer melhor as mulheres camponesas que ali atuam, bem como identificar possíveis participantes para a futura pesquisa.

Posteriormente, para a coleta de dados, foram utilizados formulários semiestruturados, aplicados de forma aleatória às mulheres, sem privilegiar posição hierárquica na execução das diferentes tarefas. Os formulários foram aplicados a um total de oito feirantes – cinco da UFPB e três do IFPB –, nos próprios locais de comercialização, entre os dias 22 e 25 de outubro de 2019.

Figura 2 ▶

Espaço da feira da Associação EcoVárzea localizada na UFPB – Proximidades do Centro de Convivência – Campus I (João Pessoa). *Fonte: arquivo pessoal dos autores*



(a)



(b)

Figura 3 ▶

Espaço da feira da Associação EcoVárzea localizada no estacionamento frontal do IFPB – Campus João Pessoa. *Fonte: arquivo pessoal dos autores*



(a)



(b)

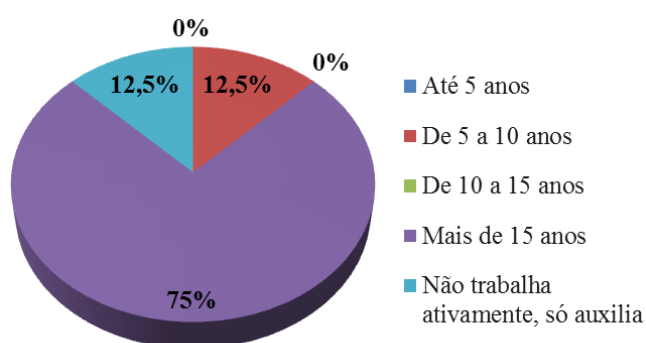
A apreciação das informações foi realizada através da técnica de análise de conteúdo das entrevistas, configurando-se, portanto, como Estudo de Caso, em que “o pesquisador não intervém sobre o objeto estudado, mas revela-o tal como o percebe” (FONSECA, 2002, p. 33).

Portanto, o trabalho se desenvolveu de forma subjetivo-compreensivista, a fim de analisar a participação feminina nos procedimentos que envolvem a produção e a comercialização dos hortifrutigranjeiros, compreendendo o grau de participação das mulheres sob os aspectos da autonomia, da segurança alimentar e do desenvolvimento socioeconômico da agricultura familiar camponesa.

4 Resultados da pesquisa

A partir do primeiro contato com as mulheres camponesas nos espaços das feiras, observou-se que a maior parte delas tem idade maior que 40 anos, sem, contudo, deixarem de estar presentes as feirantes com menos de 40 anos. Em um primeiro momento, isso remete a um pressuposto de que entre a maior parte das entrevistadas pode existir uma grande experiência na área da agricultura e de seus desdobramentos, como a comercialização através da venda direta dos produtos aos consumidores urbanos, o que de fato pode ser comprovado a partir dos resultados expostos na Figura 4.

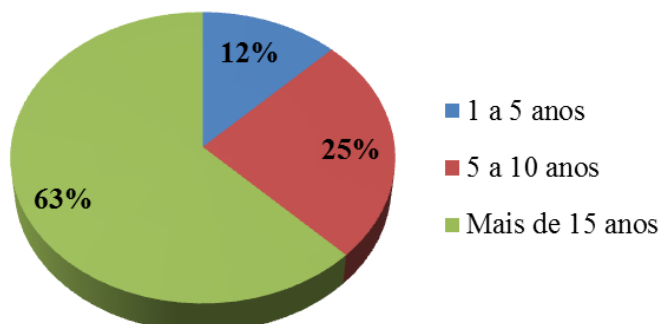
Figura 4 ▶
Tempo de realização de atividades na agricultura.
Fonte: dados da pesquisa



Desse modo, é possível comprovar que, entre as mulheres que participam ativamente de atividades na lavoura (87,5%), a maior parte (75%) possui mais de 15 anos de experiência em relação a essas atividades. Algumas das mulheres que fazem parte desses 75% chegaram a afirmar que possuem experiência de mais de 40 anos nas atividades de agricultura, em especial na produção de hortifrutigranjeiros.

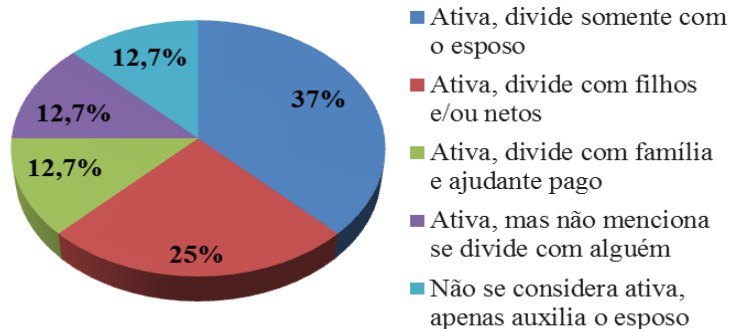
Quanto às feiras de comercialização de produtos agroecológicos, como se observa na Figura 5, a maioria das entrevistadas (63%) afirma possuir mais de 15 anos de experiência, algumas delas trabalhando desde o início da associação – isto é, desde 2001 – e tendo as feiras como uma das principais fontes de renda da unidade agrícola familiar.

Figura 5 ▶
Tempo de realização de atividades em feiras de produtos agroecológicos.
Fonte: dados da pesquisa



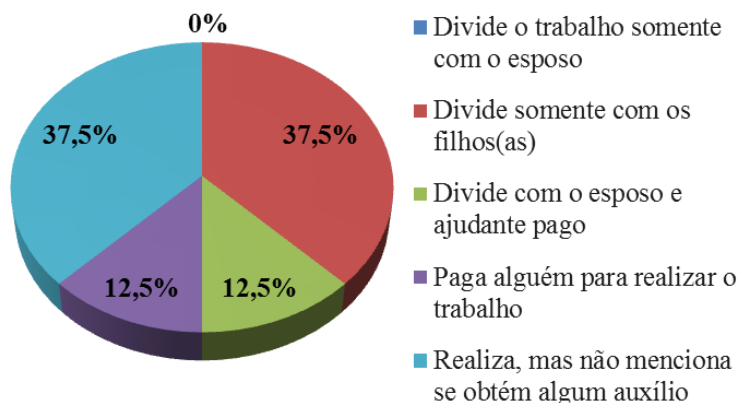
Do mesmo modo, é notável uma presente participação da maior parte das mulheres em relação às atividades na lavoura, sendo cerca de 87% ativas nas atividades de produção agrícola – que, segundo elas, é unicamente agroecológica. Algumas afirmam que há uma divisão nas tarefas entre os integrantes da família ou até mesmo com um ajudante pago, especialmente nos momentos de maior demanda de tarefas agrícolas – como o plantio e a colheita de determinados produtos –, conforme fica evidenciado na Figura 6. Por fim, nessa questão da participação, apenas cerca de 12,7% não se consideram ativas nas atividades da lavoura, contudo, afirmam que “auxiliam” o esposo no trabalho quando necessário – o que é uma atividade, mesmo que diferente das demais –, o que leva a concluir que todas, de certo modo, têm algum tipo de contato com as primeiras etapas da produção.

Figura 6 ▶
Grau de participação nas atividades produtivas da lavoura. Fonte: dados da pesquisa



Quanto à execução de outras atividades na unidade agrícola familiar – neste caso, o trabalho doméstico, algo comumente presente na vida das mulheres e que muitas vezes impõe limitações na vida profissional destas (ANDRÉ, 2019, p. 244) –, os resultados também não foram tão diferentes daquilo que se imaginava, ou seja, a caracterização de uma “dupla jornada” feminina no âmbito familiar: de acordo com a Figura 7, apenas 12,5% afirmam que pagam alguém para realizarem os serviços. Ainda, outras 12,5% afirmam que dividem com o esposo e um ajudante, 37,5% alegam dividir apenas com os filhos ou filhas, e os 37,5% restantes dizem realizar os serviços domésticos, mas não se aprofundam nem mencionam se obtêm algum auxílio na prática dessas atividades.

Figura 7 ▶
Execução de trabalho doméstico na unidade familiar. Fonte: dados da pesquisa



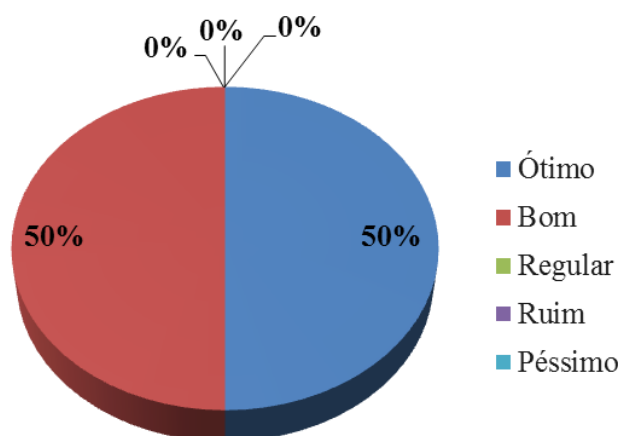
Tendo como base esses dados, nota-se que 87,5% das feirantes afirmam realizar atividades domésticas. Comparando com as respostas sobre atividades na agricultura – nas quais cerca de 87% se consideram ativas –, percebe-se que as mulheres participantes da pesquisa possuem uma grande jornada de trabalho, visto que esta envolve serviços domésticos, na lavoura e na comercialização dos produtos, enquanto os esposos, quando presentes, costumam trabalhar somente na lavoura.

Essa grande jornada é, infelizmente, algo que vimos comumente na vida das mulheres, tanto do campo quanto dos centros urbanos, e que traz problemas ao desenvolvimento dos direitos femininos e das sociedades, visto que impede que as mulheres expressem todo o seu potencial (ROSA, 2017). No caso das mulheres da Associação EcoVárzea, é perceptível que essa jornada influencia no bem-estar diário e na qualidade de vida, dado que a grande demanda de trabalho destas implica realizar o trabalho das feiras (que envolve organizar no dia anterior e acordar de madrugada para chegar à cidade da feira no início da manhã), trabalhar na lavoura, trabalhar em casa, criar os filhos e, algumas vezes, também “cuidar” do esposo.

Mesmo que 37,5% das entrevistadas não tenham se aprofundado no assunto, em termos de divisão de tarefas ou auxílio de terceiros, e 12,5% afirmem que contam somente com o serviço de terceiros, não foi relatado nas entrevistas que o esposo realiza o trabalho doméstico sozinho, o que promove a reflexão sobre a divisão sexual do trabalho, que deslegitima a atuação das mulheres nos espaços de outras atividades e de tomada de decisões. Isso evidencia as relações patriarcais ainda existentes nesse contexto da vida familiar, em especial nas famílias rurais, ao se observar o cotidiano e não perceptível [pelos homens] trabalho doméstico não remunerado realizado por elas.

Entre as feirantes que participaram da pesquisa, todas (total de oito) atuam na UFPB – Campus I, enquanto três atuam também no IFPB – Campus João Pessoa. Nesse grupo, cabe destacar que, apesar da grande jornada de trabalho, observou-se um elevado grau de satisfação em relação às atividades de comercialização nas feiras. Na Figura 8, evidencia-se que 50% das mulheres afirmaram ser “ótimo” realizar tal trabalho, e outros 50% afirmaram ser “bom”. Isso denota algo bastante presente, isto é, o apoio em relação às atividades das mulheres na comercialização dos produtos hortifrutigranjeiros: quando não há apoio de familiares, há o de amigos, além do conhecimento próprio de que sua atividade é relevante na unidade familiar.

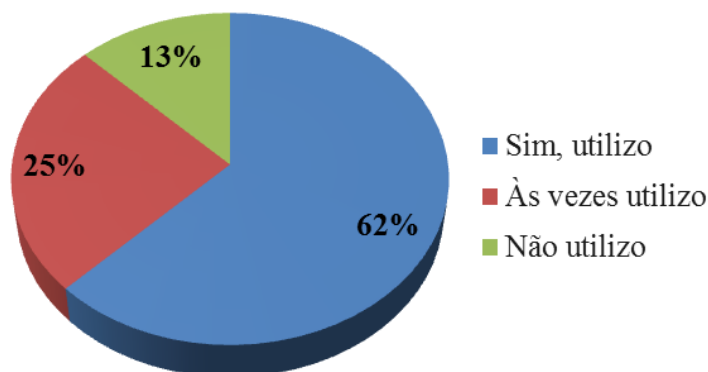
Figura 8 ►
Grau de satisfação ao atuar como feirante. *Fonte: dados da pesquisa*



Outra importante questão relacionada ao grau de satisfação das camponesas feirantes é o sentimento dessas mulheres em relação à prática da venda dos produtos e ao contato com o campo, sentimento que foi possível conhecer através do diálogo sobre as atividades nas feiras. Algumas delas retrataram as atividades como “terapêuticas” e “satisfatórias”, bem como outras afirmaram ser a atividade de comercialização algo que “vale a pena” e que “dá valor ao trabalhador do campo”. Além disso, também foram citadas questões relacionadas ao sentimento de felicidade, autonomia, promoção de saúde (por conta dos benefícios advindos do consumo de produtos agroecológicos) e apreciação do contato com os consumidores, algo de grande relevância no contexto de emancipação das mulheres, que se sentem reconhecidas pelo trabalho final da atividade produtiva agrícola – a venda direta ao consumidor, que, por sua vez, vê com bons olhos essa relação, sem intermediação de atravessadores que, muitas vezes, não têm nenhuma relação com os produtos e o conhecimento de toda sua cadeia produtiva.

Ainda, buscou-se saber sobre os cuidados com a saúde e a segurança na lavoura, conforme mostra a Figura 9: nesse caso, 62% das mulheres afirmaram utilizar equipamentos como luvas, botas ou protetor solar frequentemente, 25% afirmaram utilizar somente algumas vezes e 13% afirmaram não utilizar nenhum equipamento.

Figura 9 ►
Utilização de equipamento de proteção nas atividades agrícolas. Fonte: dados da pesquisa



Também se observou os aspectos positivos e negativos dos locais de realização das feiras. Por meio da colaboração das mulheres presentes no *campus* do IFPB, foram apontados aspectos negativos como a venda fraca e a exposição do local a sol e chuva (cobertura insuficiente). Entretanto, há aspectos positivos por conta dos consumidores que frequentam o espaço, que são bastante receptivos, e, segundo elas, também por conta do apoio de alguns servidores do Instituto.

Quanto ao *campus* da UFPB, através dos resultados, pôde-se observar que há aspectos positivos em relação às vendas, por ser um *campus* maior e que, conseqüentemente, possui maior quantidade de consumidores – estes que, segundo elas, também são bastante receptivos, de modo geral. No local, apontado por muitas como melhor – por ser maior e mais arborizado, possuindo mais proteção em relação ao sol e à chuva se comparado ao IFPB –, também foram mencionados aspectos negativos, como as dificuldades nos períodos de chuva por conta do calçamento e da insuficiência de cobertura (que, apesar de melhor, ainda não é totalmente efetiva).

Além do que já foi mencionado, através do diálogo com as participantes, ocorreu uma breve conversa sobre questões como o controle financeiro e a relação com os colegas de trabalho. Em meio à conversa, notou-se que grande parte delas possui controle de renda total ou parcial no contexto familiar/conjugal – entre as entrevistadas, uma minoria relatou ser o esposo quem administra a parte financeira. Esse ponto é algo que, apesar de não ter sido aprofundado na pesquisa, possui fundamental relevância no contexto da autonomia

das mulheres, visto que um dos principais pontos na questão da autonomia financeira é não só conquistar o próprio dinheiro, como também ter o direito de administrá-lo, contrapondo o ensinamento – ainda perpetuado socialmente – de que essa tarefa é do homem.

Quanto à relação entre os colegas de trabalho, não foi mencionado nenhum ponto negativo pelas entrevistadas, contudo, é válida a observação de que essas relações também contribuem para a satisfação com o ambiente de trabalho e a sensação de pertencimento ao local. Desse modo, essa questão se torna bastante relevante em relação ao contexto emancipador das mulheres, visto que colabora para a inserção e permanência destas no meio social.

Portanto, observou-se, a partir do diálogo e da aplicação do formulário semiestruturado, que a participação dessas mulheres nas feiras está diretamente relacionada a fatores como a satisfação com o trabalho – seja este no processo de produção ou de comercialização – e as condições nas quais este é executado. Assim, um ambiente de trabalho favorável contribui para o sentimento de satisfação das feirantes, sendo este um fator de grande relevância para a permanência destas nos locais de trabalho, tornando-se, então, algo bastante significativo no contexto de independência e autonomia das mulheres.

5 Conclusão

A partir dos dados apresentados, foi possível perceber o protagonismo das mulheres camponesas no processo socioproductivo da Associação EcoVárzea, bem como a relevância do papel destas na associação, comprovada através do questionário semiestruturado. A participação dessas mulheres foi detectada desde o processo de plantio na lavoura até as atividades de comercialização dos produtos hortifrutigranjeiros nas feiras semanais. Além disso, também foi apontada a grande jornada de trabalho presente na vida das camponesas, que, apesar disso, têm satisfação ao atuar nas feiras.

Dessa forma, observou-se os espaços das feiras como importantes elementos no processo emancipador das mulheres, possibilitando maior autonomia, maior contato com o empoderamento e maior participação feminina nos espaços públicos, além da disseminação de questões relacionadas à saúde ambiental, visto que pôde-se notar um importante conhecimento – não só das mulheres, como também dos demais integrantes da associação – em relação aos efeitos nocivos da utilização de agrotóxicos e à importância da agroecologia para a sociedade em geral.

Ademais, foi possível estabelecer um maior contato entre os pesquisadores do IFPB – Campus João Pessoa e a Associação EcoVárzea, que possui um importante e reconhecido histórico de participação positiva em relação à produção e comercialização de produtos agroecológicos na Zona da Mata Paraibana.

Por fim, sugerimos que, a partir dos resultados apresentados neste trabalho, possam ser realizados outros estudos relacionados à participação feminina na Associação EcoVárzea. Que tais estudos possam emergir de momentos de diálogo com essas mulheres camponesas, a fim de enfatizar a importância delas para toda a associação e para a sociedade, buscando maior contato com os conceitos de empoderamento, feminismo e direitos das mulheres. Desse modo, entende-se que é possível estreitar a relação das mulheres com a autonomia e com a valorização de si mesmas, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida destas e para o desenvolvimento da sociedade.

Agradecimentos

Os autores deste trabalho agradecem à Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do Instituto Federal da Paraíba (PRPIPG-IFPB) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida à primeira autora, através do Edital nº 16/2019 PIBIC-EM/CNPq, bem como aos demais colaboradores da pesquisa e aos integrantes da Associação EcoVárzea, pelo acolhimento aos pesquisadores, em especial às mulheres feirantes, que puderam contribuir para a realização deste trabalho.

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

ABRANTES, K. K. J.; CAMURÇA, A. M. Feira Agroecológica EcoVárzea da UFPB: espaço de novas relações entre campo e cidade. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, n. 2, p. 1-5, nov. 2011. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/12588/7448> . Acesso em: 20 abr. 2019.

ALVES, A. F. **As múltiplas funções da agricultura familiar camponesa**: práticas socioculturais e ambientais de *convivência* com o semiárido. 2009. 314 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/2276> . Acesso em: 14 ago. 2019.

ALVES, A. F.; SILVA, P. C. Analyse de la durabilité agricole dans la production familiale: le cas des producteurs de fruits et légumes de l'association ECOVÁRZEA - Paraíba, Brésil. In: SÉMINAIRE INTERNATIONAL: MIGRATIONS, AGRICULTURE, ALIMENTATION ET DÉVELOPPEMENT DURABLE, 6., 2019, Agadir, Maroc. **6ème Séminaire International: Migrations, Agriculture, Alimentation et Développement Durable**: l'Afrique et l'Europe (et au-delà) face aux nouveaux défis de la mondialisation. Agadir, Maroc: Université Ibn Zohr, 2019.

ANDRÉ, I. M. A. **O falso neutro em Geografia Humana**: género e relação patriarcal no emprego e no trabalho doméstico. Lisboa: CEGUL, 2019. 346 p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**: perspectivas para uma nova Extensão Rural. Porto Alegre: IICA/Emater-RS, 2004. Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/agroecologia%20e%20extensao%20rural%20contribuicoes%20para%20a%20promocao%20de%20desenvolvimento%20rural%20sustentavel.pdf . Acesso em: 14 jun. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. [Apostila]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=oB5x2SChpSEC> . Acesso em: 20 nov. 2018.

LIMA, J. F.; OLIVEIRA NETO, J. G.; BARBOSA, G. J.; MONTEIRO, S. S.; SANTOS, D. S.; VASCONCELLOS, A. Empoderamento das mulheres e Agroecologia no município de Serraria - PB. **Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito**

Federal e Entorno, Brasília, v. 13, n. 1, p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/541> . Acesso em: 14 jun. 2022.

MARCOS, V. Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro. **Agrária**, São Paulo, n. 7, p. 182-210, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1808-1150.v0i7p182-210> .

MARONHAS, M.; SCHOTTZ, V.; CARDOSO, E. Agroecologia, trabalho e mulheres: um olhar a partir da economia feminista. In: REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO - REDOR, 18., 2014, Recife. **Anais** [...]. Recife: UFPE, 2014. p. 3751-3762. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/1955/877> . Acesso em: 14 ago. 2019.

REDCLIFT, M.; GOODMAN, D. The Machinery of Hunger: The Crisis of Latin America food Systems. In: GOODMAN, D.; REDCLIFT, M. **Environment and Development in Latin America**. UK: Manchester University Press, 1991. p. 48-78.

ROSA, E. T. Divisão sexual do trabalho: a dupla jornada de trabalho e a desvalorização da mão de obra feminina. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - UNIJUÍ, 25., 2017, Ijuí. **Anais** [...]. Ijuí: UNIJUÍ, 2017. p. 1-5. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/download/8199/6927> . Acesso em: 19 ago. 2019.

SANTOS, A. M.; CÂNDIDO, C. C. **Análise da sustentabilidade agrícola na produção familiar**: caso dos produtores de hortifrutigranjeiros da Associação Ecovárzea - PB. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SILVA, F. R. F. Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul – PR. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 39, p. 115-132, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v39i0.45697> .

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, R.; FRAXE, T. J. P.; CASTRO, A. P. A mulher camponesa amazônica e a feira de produtos regionais: uma transformação no seu *habitus*. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, v. 13, n. 1, p. 70-85, 2013. DOI: <https://doi.org/10.29327/233099.13.1-5> .